

AVATAR

MARIA MADALENA
Ângela Cançado Lara Resende
Faculdade de Letras

... assim éramos nós obscuramente dois, nenhum de nós sabendo bem se o outro não era ele-próprio, se o incerto outro viveria...

Fernando Pessoa
Na Floresta do Alheamento

AVATAR Nº 1

Nova York é bela. Loura como o ópio ou como uma miragem. As pessoas passam e carregam segredos antigos como o pó dourado das múmias. Mas você ainda não sabe. Você apenas sente que a luz aloirada da cidade é bela. Por detrás do blindex amarelo do hotel você aperta os olhos envoltos num véu de luz. O vento doirado bate ondeando fulvamente milhares de cabeças. É como uma intoxicação arruivada. Você quer continuar olhando através do vidro amarelo o rastro de oiro dos passantes. Você se abandona ao cenário dourado. Os jardins de Nova York, as suas árvores, os seus monumentos, os seus teatros estão dentro do círculo de ouro, tintilantes de luz. A chuva é uma chuva de águas douradas e o luar faz da St. Patrick uma catedral branca... E você vai pela cidade luminosa arrastado por fios de oiro. Os cartazes da cidade espiam com letras de fogo. E você está embriagado como se bebesse champanhe. Que rastro você

persegue? O seu espírito já se adaptou ao mistério e você sente que tudo pode se evidenciar como um clarão de chama. Você não estranha mais se achar na Madison Square. Você agora anseia pelo mistério e olha a pista de gelo louro sujo da praça como se esse mistério fosse o rastro de ouro de sua vida... Você se debruça sobre o metal fino do parapeito que o separa da arena. Há manchas de luz escorrendo na superfície do gelo. Enfim você se sente regressando a um mundo de sonhos. A pista apesar dos jorros de luz está na penumbra. Ainda hoje é impossível dizer se quando você chegou à pista já lá estava o menino loiro, muito loiro e alto que patinava. Fluido, por sobre os patins agudos ele dançava sem um som. Sua dança era uma apoteose. As curvas sobre o gelo se fechavam num círculo de ouro, que ia se espraçando, espraçando, leve e fugidio. O seu olhar se perdia nostalgicamente no infinito. Os seus gestos eram rápidos mas indecisos. Alto e escultural você o vê agora nitidamente. A penumbra é uma sombra áurea. O menino é talhado em ouro. Você se espanta que apenas você possa vê-lo. E maravilha — você se sente esbater, dissipar-se cor a cor, lentamente, até tomar a forma do menino bailando alucinadamente. Você se evola em silêncio como se extingue uma chama. O frio do gelo lhe fere os pés e a lâmina vermelha do gelo lhe corta a carne em chama. Você tomba inanimado no solo. Você mal tem tempo de se voltar e de se ver debruçado estaticamente sobre a grade da arena e sentir o brilho de ouro falso de suas pálpebras sem luz.

AVATAR Nº 2

Você assentado nos degraus do Ginásio não deu pela entrada da ginasta loira. E no entanto, ela poderia ter surgido da luz como uma Afrodite metálica. Todos os reflexos luminosos incendiavam-se sobre ela. Cor a cor a luz caía-lhe e seus membros se estiravam cortantes por sob a malha distendida e dourada. Fios de fitas amarelas entrecruzavam-se no seu torso mágico e toda ela se dourara como uma Salomé aureolar. Os seus pés nus tinham unhas douradas e nas pe-

sadas tranças louras enroscara pedrarias de luz. Era todo um deslumbramento áureo. Dançava como uma bebedoura de absinto e seu olhar era antigo como o de um louco ou de um profeta. A cor escorria de seus membros como a areia loura de uma ampulheta amarela. Você assentado nos degraus do Ginásio ouve os aplausos e freme o mesmo gélido calor do réptil sutil que dança. Você não sabe quando seus membros começam a se estirar como a pele de uma serpente áurea. Você apenas faz a ginástica como se sempre houvesse possuído a ciência do ritmo e da dança. Você sabe o momento exato de vultear o dorso e olhar o infinito e esperar numa aura o atear da chama. A ginasta agita a asa dourada como um chocalho fatídico. Você e seu corpo são um só. Num mesmo mágico vaguear pelo centro do anfiteatro, num último turbilhão, você vê seu corpo enrodilhado como uma casca amarelecida, na grade do ginásio.

AVATAR Nº 3

Você está preso no quarto transparente como uma mosca dourada na caixa. Você tem partes como um animal. A luz branca incide sobre você como um bisturi. Você está doente e pensa. Você está na luz e quer dispor em células de fogo seus pensamentos. Mas tudo se esvai como a cera das velas. Para distrair a dor de ter sido você presta ouvidos às vozes, à vida da casa além da caixa transparente, além da sombra e da luz na parede desenhada. O pai morto, o irmão desleal, a mãe, a mãe... Enclausuraram você nesse quarto como se esconde um doente embaixo da cama. Que são essas luzes projetadas? O esquecimento, uma bola de fogo incendiada. Você acompanha pelas paredes o jogo da luz e da chama. Mas são tentáculos de aurora. Você sobe pelas paredes como uma aranha dourada. A cor lhe foge. Você se joga nas sombras e tece uma realidade aureolar. São fios de luz fúlvá. Você escorrega da parede iluminada. Do alto você vê desenhados pelo seu corpo estranhos traços irreais como a areia fina e amarela que cobre o túmulo de um cemitério abandonado.